

# DISSERTAÇÕES E TESSES

## • A Porta do céu: a educação exilada - Colégio do Caraça

Mariza Guerra de Andrade

Orientadora: Maria Alice de Lima G. Nogueira  
Data da Defesa: 10/08/92

Este trabalho, iniciado em 1989, para dissertação do mestrado em Educação pela Faculdade de Educação Universidade Federal de Minas Gerais, constitui-se de uma pesquisa de caráter exploratório sobre aspectos da trajetória de um dos mais renovados estabelecimentos mineiros de ensino: o Colégio do Caraça. Sem a ajuda e a solidariedade de pessoas e instituições, não teria sido possível a sua realização. Contudo, sabedora de suas lacunas e prováveis equívocos, quero registrar que o processo desta investigação representou um grande desafio pessoal.

Agradeço a orientação segura e estimulante da professora Maria Alice Nogueira que ajudou-me a não perder de vista o que se revelava essencial em meio às dificuldades pertinentes ao trabalho. Registro também os meus agradecimentos aos professores do Mestrado da FAE/UFMG e, em especial, aos professores Edil Vasconcelos, Carlos Jamil Cury e Eliane Marta T. Lopes.

O acesso ao acervo documental do Caraça me foi frangueado pelo padre Tobias Zico CM, seu guardião, sem o que não teria sido possível entrar pelo tempo do Colégio ... O seu vivo interesse e a confiança neste projeto resultaram em encontros sempre agradáveis e acolhedores. A ele, a minha gratidão estendida ao Superior padre Francisco Vale CM, ao padre Clovis CM, secretário da Casa Provincial lazarista no Rio de Janeiro e a todos os demais congregados e funcionários do Caraça e, em especial, à Tia Rita, Conceição e Maria.

A Companhia Vale do Rio Doce, através de seus funcionários Haroldo Jackson e Nelma Alvarenga, os meus agradecimentos pela ajuda nas diárias caracenses. Aos pesquisadores do Arquivo Público Mineiro pela receptividade e auxílios inestimáveis, à Terezinha Incerti, diretora do Museu do Ferro, em Itabira, e a todas as pessoas que prestaram informações e depoimentos valiosos, sou muito grata.

Gostaria ainda de agradecer a enorme ajuda de Irene Ernest Dias, Solange Nagen Sabagh, Flavio Caldeira, além de Francisca Gonçalves, Tarcísio Ferreira, Maria Auxiladora Faria, Maurílio Camello, Marina Tymburibá, Norma de Góes Monteiro, Hugo Vasconcelos, Hélio Gravatá, Wilson Leão, Maria da Conceição Sampaio, Sônia Rodrigues, Jason Pessoa, entre outras pessoas e amigos.

A minha filha Ana Carolina, companheira querida nos atropelos que esse tempo exigiu, agradeço de coração.

## • Ritos de passagem: o fazer-se do(a) trabalhador(a) professor(a) em pedaços de história (a escola particular)

Inês Assunção de Castro Teixeira

Orientador: Oder José dos Santos  
Data da Defesa: 10/09/92

Este estudo tem como objeto a greve dos(as) trabalhadores(as) nas escolas particulares de Minas Gerais, transcorrida entre 29 de março e 3 de maio de 1989. Trata-se da maior paralisação da categoria, em duração e número de escolas/grevistas envolvidos, até aquela data. Revelou-se um momento marcante na história destes trabalhadores, por suas dimensões, significados, questões e tendências frente a outras greves e lutas da categoria até então.

Embora tenha havido a adesão de cidades do interior do estado e de funcionários técnicos e administrativos do ensino privado, o estudo focaliza seu curso entre os professores de Belo Horizonte, visto sua maior expressividade nesta rede educacional e envolvimento quantitativo e qualitativo no episódio. De outro lado, sendo o mundo do trabalho um campo sexuado procura-se dar visibilidade à participação diferenciada dos professores e professoras nos processos e eventos da paralisação.

A greve é interpretada como ação de sujeitos coletivos, construindo sua história - mulheres e homens, universos biográficos e culturais - contendo múltiplos significados. Luta, confronto, pressão, tensão se misturam à expressão e emoções. Ao vivido da festa - o sentimento do "estar junto", da liberdade e espontaneidade. Soltura do gesto e da palavra, tantas vezes amarrados, contidos e fragmentados na organização do trabalho escolar. A festa da alegre comunhão dos ritos, encontros, práticas e relações entre iguais, ao longo das cenas e enredos do movimento grevista (PERROT, 1984).

Nesta experiência, no vivido da greve, os(as) professores(as) se educam. Aprendem as tramas da luta e do trabalho, partindo de sua recusa. Tecem em traços mais nítidos sua identidade de trabalhadores(as), desvelando-se nos acontecimentos a "pedagogia dos conflitos sociais" (SANTOS, 1992).

Mas a greve não ocorre no vazio. É parte de uma trajetória na qual essa gente vem "se fazendo" trabalhadores(as) (THOMPSON, 1987). Neste sentido, o estudo analisa também outros "ritos de passagem" vivenciados pelo professorado. Da escola-casa à escola-empresa, na qual o ambiente religioso e familiar do passado, se desfigura na lógica mercantil, nas relações e práticas da organização capitalista do trabalho. O(a) professor(a) se proletariza, processo que constituirá o pano de fundo de seus movimentos grevistas. Em 89, um cenário no qual emergem fatores imediatos a determinarem o episódio: as perdas salariais resultantes da nova política econômica implantada no país no período (Medida Provisória no. 032, de 15/1/89, conhecido como Plano Verão).

Como procedimentos metodológicos para o estudo, foram combinadas a observação participante da greve com "anotações do cotidiano" (registro de falas, depoimentos e conversas com professores) e entrevistas, também com professores, ao lado de pesquisa documental e bibliográfica.